

EUROPA, ALEMANHA E ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO MUNDO DE TRUMP

RUTURA OU CONTINUIDADE, INTERDEPENDÊNCIA OU AUTONOMIA

Alberto Cunha

INTRODUÇÃO

Independentemente de se adotar uma definição mais restrita ou mais ampla do que é o Ocidente, o seu centro económico, político e histórico consiste na aliança transatlântica reunida em torno dos Estados Unidos da América (EUA) e sustentada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla inglesa) e pela União Europeia (UE). No âmbito deste número especial sobre a política externa da segunda administração, um ano após a reeleição de Donald Trump, este artigo irá analisar o atual estado das relações entre os EUA e a Europa, com ênfase na UE e na Alemanha.

As duas presidências de Trump afetaram a confiança dos europeus nos EUA e o que resta é um ambiente de desconfiança mútua. Em relações internacionais, confiança pode ser definida como sendo uma combinação de elementos de valores, cooperação e previsibilidade: parceiros de confiança tendem a partilhar interesses e valores comuns e a cooperar juntos para alcançar objetivos comuns, consultando-se mutuamente sobre os passos a seguir e tendo uma compreensão clara do que o parceiro fará a seguir (Nielsen & Dimitrova, 2021). A questão central

RESUMO

Este artigo analisa o estado atual das relações transatlânticas sob o segundo mandato de Donald Trump, um ano após a sua reeleição em 2024, com ênfase na União Europeia e na Alemanha. Avalia se a erosão da confiança mútua representa uma rutura estrutural ou conjuntural, identificando três traços da política externa americana: transacionalismo, condicionado a gastos de defesa e alinhamento económico; imprevisibilidade em negociações comerciais e Ucrânia; e desprendimento normativo face a alianças multilaterais. Propõe uma tipologia de respostas europeias – normativas, pragmáticas, radicais e interlocutores – e delinea três principais cenários futuros: manutenção do *statu quo* pragmático, divórcio desordenado ou parceria equilibrada. Conclui que a Europa necessita de autonomia estratégica para partilhar encargos, preservando laços transatlânticos essenciais num mundo multipolar.

Palavras-chave: Trump 2.0, autonomia estratégica, União Europeia, relações transatlânticas.



ABSTRACT

EUROPE, GERMANY, AND THE U. S. IN TRUMP'S WORLD: RUPTURE OR CONTINUITY, INTERDEPENDENCE OR AUTONOMY

This article analyses the current state of transatlantic relations during Donald Trump's second term, one year after his re-election in 2024, with a focus on the European Union and Germany. The article assesses whether the erosion of mutual trust is structural or conjunctural and identifies three traits of American foreign policy: transactionalism, conditioned on defense spending and economic alignment; unpredictability in trade negotiations and Ukraine; and normative detachment from multilateral alliances. The article proposes a typology of European responses – normative, pragmatic, radical, and interlocutors – and outlines three future scenarios: maintaining the pragmatic status quo, experiencing a disorderly divorce, or establishing a balanced partnership. The article concludes that, in a multipolar world, Europe requires strategic autonomy to ensure burden-sharing while preserving essential transatlantic ties.

Keywords: Trump 2.0, strategic autonomy, European Union, transatlantic relations.

é se a redução na confiança da Europa nos EUA representa uma mudança estrutural no futuro das relações transatlânticas, resultando de diferentes interesses cada vez mais irreconciliáveis, ou se é ao invés um fenómeno conjuntural. Existem precedentes para crises transatlânticas que se sanaram com o tempo: sobre a Guerra do Vietname; sobre a «Guerra do Terror» e nomeadamente a invasão do Iraque; sobre as revelações de espionagem de Snowden; culminando nos conflitos comerciais e retóricos durante o primeiro mandato de Trump.

Este artigo irá analisar o atual estado das relações entre os EUA e a Europa, com ênfase na UE e na Alemanha, conceptualizando primeiro a confiança transatlântica e contextualizando crises passadas. De seguida, analisando os três traços definidores da política externa Trump 2.0 (transacionalismo, imprevisibilidade, desprendimento normativo) e as respostas europeias tipificadas em quatro grupos. Em conclusão, delineando cenários futuros para as relações EUA-UE/Alemanha, com recomendações para uma autonomia estratégica europeia equilibrada.

A RELAÇÃO TRANSATLÂNTICA NO SÉCULO XXI: UM PROGRESSIVO AFASTAMENTO ACELERADO POR TRUMP?

A Conferência de Segurança de Munique (MSC, na sigla inglesa), como fórum líder para as elites ocidentais, reflete os dilemas estratégicos em evolução. Em 2020, o seu tema *Westlessness* (traduzido como «falta ou ausência do Ocidente») capturava as ansiedades sobre o declínio da influência ocidental e as divisões internas na relação transatlântica, simbolizadas pelo duplo choque de 2016 e dos anos que se seguiram: o primeiro mandato de Trump (Aggestam & Hyde-Price, 2019; Herszenhorn, 2018; Kanat, 2018; Riddervold & Newsome, 2018; Sloan, 2017) e o Brexit (Forsyth, 2020; Mead, 2018). Em 2025, a MSC teve como tema a «multipolarização», sublinhando tanto a fragmentação contínua das democracias ocidentais como o reconhecimento mais amplo de que a ordem internacional liberal entrou em declínio terminal (Barnett, 2021; Colgan, 2021; Lake et al., 2019; Mearsheimer, 2019).

O simples facto de a «ausência do Ocidente» ter sido o tema da MSC em 2020 revela até que ponto os acontecimentos do primeiro mandato de Trump, bem como outras crises na Europa, aceleraram o declínio da ordem liberal (Ikenberry, 2018) devido à deterioração das relações entre os EUA e a Europa.

As divisões transatlânticas da última década inscrevem-se num contexto geopolítico global em evolução que é mais multipolar e mais instável do que o futuro parecia indicar após a queda do Muro de Berlim. Em retrospectiva, parece que os mais pessimistas na altura eram também os mais perspicazes, com o 11 de Setembro e a subsequente «Guerra ao Terror» a prepararem o terreno para o agravamento do «choque de civilizações» (Huntington, 1993, 1996), em vez da vitória dos valores ocidentais anunciada pelos otimistas como «o fim da história» (Fukuyama, 1992). Além disso, podemos estar no início de uma era que irá além da previsão de Huntington: juntamente com um choque entre civilizações, a questão que este artigo procura responder é se começou uma fase histórica marcada por um novo «choque», agora dentro do Ocidente.

Os eventos de 6 de janeiro de 2021 no Capitólio dos EUA parecem ter cristalizado a perda de uma certa superioridade moral da democracia americana, o farol do Ocidente. É inteiramente possível que as profundas fraturas sociopolíticas dentro da sociedade americana – reveladas, mas não causadas pela Presidência Trump (Carothers, 2019; Dimock & Wike, 2020; Lempinen, 2020) – permaneçam no futuro previsível. Se assim for, resta saber se a Europa será capaz de preencher o vazio de uns EUA menos transatlânticos e menos «ocidentais» nas suas dimensões normativas e geopolíticas.

Durante anos, o «guarda-chuva» ocidental apoiado pelos EUA foi simultaneamente garantido, incondicional e permanente, incluindo uma componente de presença militar das tropas americanas em solo europeu – e, crucialmente, alemão (Algieri et al., 2006). Essa hegemonia levou Washington a aceitar, a partir de 1945 e ainda mais após o fim da Guerra Fria, cobrir a maior parte dos custos e recursos militares em troca da possibilidade de orientar a política geral dentro da aliança transatlântica (Brunner, 2006; Cunha, 2020). Desde 1945, os europeus aceitaram este *statu quo*, mesmo sob a relação tensa com o Presidente Trump (Schuette, 2021) em relação à NATO, porque esses bens públicos de segurança fornecidos pelos EUA eram para os europeus um valioso «dividendo da paz» económico, levando governos e eleitorados a resistir a altos gastos militares (Boyer, 1996). De forma instrutiva, a introdução da primeira estratégia de segurança da UE, aprovada em dezembro

de 2003, afirmava que «a Europa nunca foi tão próspera, tão segura nem tão livre».

O desconforto com o novo unilateralismo do «America first» (América primeiro) e a desvalorização da NATO pelo Presidente Trump levaram a sucessivas declarações públicas dos líderes franceses e alemães a favor de uma defesa europeia mais autó-

noma desde o duplo choque de 2016. Falou-se muito sobre «autonomia estratégica», «exército europeu» (Chazan, 2018) ou «nós [a Europa] devemos tomar o destino nas nossas próprias mãos» (Merkel, 2018), como discursou Merkel poucos meses após a

O DESCONFORTO COM O NOVO UNILATERALISMO DO «AMERICA FIRST» (AMÉRICA PRIMEIRO) E A DESVALORIZAÇÃO DA NATO PELO PRESIDENTE TRUMP LEVARAM A SUCESSIVAS DECLARAÇÕES PÚBLICAS DOS LÍDERES FRANCESES E ALEMÃES A FAVOR DE UMA DEFESA EUROPEIA MAIS AUTÓNOMA DESDE O DUPLO CHOQUE DE 2016.

tomada de posse de Trump em 2017. Porém o teste a estas intenções só poderia ser validado se os Estados-Membros da UE estivessem dispostos a comprometer-se para além das palavras e a aceitar um aumento nos custos do orçamento da defesa. Infelizmente, esta continua a ser uma escolha que muitos países da UE, a começar pela Alemanha, pareciam relutantes em tomar (Sprenger, 2019).

Durante o primeiro mandato de Trump, a resposta dada pela UE à pergunta (Kunz, 2018) sobre se «a Europa precisa de um plano B para a sua defesa em tempos de um vínculo transatlântico cada vez mais enfraquecido» continuava a ser «não» – considerando a maior parte dos seus líderes governamentais. Embora a Cooperação Estruturada Permanente tenha sido uma inovação institucional importante que pode moldar o futuro da Política Comum de Segurança e Defesa da UE, funciona de acordo com uma visão (promovida pela Alemanha) inclusiva para todos os membros da UE e que ao invés do pretendido pela França não se focava no desenvolvimento e muito menos na utilização de capacidade militares europeias (Conselho Europeu, 2017; Major & Mölling, 2018). Se a França e a Alemanha convencerem os restantes membros da UE de que devem reforçar a sua própria capacidade de defesa para ganhar maior autonomia em relação a Washington, a evolução da Política Comum de Segurança e Defesa poderá acelerar significativamente a médio prazo, mas isso ainda não tinha ocorrido aquando da reeleição de Trump em novembro de 2024, mais de dois anos após a invasão da Rússia à Ucrânia em fevereiro de 2022.

Durante o primeiro mandato, cresceu e estabeleceu-se uma contínua disputa pública na Europa sobre o nível de autonomia da UE dentro da Aliança Atlântica e em relação a Washington (Erlanger, 2020; Kramp-Karrenbauer, 2020). Embora a Guerra da Ucrânia tenha de certa forma reavivado a pretensa «morte cerebral» da NATO anunciada pelo Presidente Macron (The Economist, 2019), ainda antes o desejo de um novo impulso transatlântico tinha ficado claro com o «alívio» (Biller & Leicester, 2020; Kirschbaum & King, 2020) de muitos decisores europeus após a confirmação da vitória eleitoral de Biden em 2020. Consequentemente, tanto maior foi o choque e maiores as preocupações nas capitais europeias após a segunda eleição de Trump em novembro de 2024 (Foy et al., 2024).

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA: O SEGUNDO MANDATO DE TRUMP E O NOVO NORMAL TRANSATLÂNTICO

Juntamente com a polarização em ambos os lados do espaço do Atlântico Norte, ela também se verifica entre os dois lados. O segundo tipo de polarização, transatlântica, foi um fenómeno evidente durante o primeiro mandato de Trump como presidente (Riddervold & Newsome, 2018), mas que aumentou no segundo mandato – exemplificado pela crítica pública do Vice-Presidente JD Vance à política europeia na MSC de 2025. As atuais divisões económicas e comerciais transatlânticas podem não ser facilmente sanadas por uma presidência americana diferente (Matthijs & Goodman, 2025).

Se se mantiver, configura uma rutura com a ordem ocidental pós-1945, na qual a liderança ou hegemonia americana no espaço euro-atlântico refletia um compromisso entre segurança e (menor) autonomia europeia.

Três principais aspectos caracterizam a atual política externa dos EUA, nomeadamente em relação à Europa: por um lado, transaccional, o que foi abertamente admitido pelo atual Vice-Presidente ainda antes da eleição: «O poder americano vem com certas condições» (Kilander, 2025). Já em 2025, Scott Bessent, o novo secretário do Tesouro, e Stephen Miran, indicado para presidir o Conselho de Assessores Económicos, argumentaram que os compromissos de segurança dos EUA devem ser calibrados não apenas com base nos gastos com defesa, mas também no alinhamento com as prioridades económicas dos EUA (Grevi, 2025). Neste contexto, as capitais europeias têm de se preparar para a erosão dessas garantias ou, no mínimo, para o facto de ficarem permanentemente condicionadas à pressão de Washington em outras áreas políticas como comércio, (des)regulamentação dos mercados digitais ou «desacoplamento» da China, bem como fornecerem a maior parte da ajuda futura à Ucrânia – uma menorização por parte dos EUA das implicações do choque na estrutura de segurança europeia causada pela invasão Russa, a primeira tentativa de mudança das fronteiras europeias pela força militar desde 1945.

Deve ser referido, no entanto, que este aspecto transaccional não é ainda determinante da totalidade da política externa norte-americana. A opinião de Trump, que tem sido influente em algumas das suas negociações

no primeiro ano do seu segundo mandato, não é necessariamente partilhada pela comunidade de segurança nacional dos EUA em geral, com muitos senadores republicanos ainda mantendo uma visão cética sobre a Rússia e o envolvimento dos EUA com Moscovo. Como exemplo, apesar do interesse pessoal de Trump em melhorar as relações bilaterais com a Rússia, a maioria das sanções dos EUA contra a Rússia permaneceu em vigor durante todo o seu primeiro mandato e mais foram acrescentadas em outubro de 2025 (UK House of Commons Library, 2025).

Particularmente interessante é notar o contraste entre este último ponto e a realidade da dependência mútua entre os dois lados do Atlântico, ou a interdependência estrutural que ambos mutuamente construíram numa relação de quase um século, e que se mantém fora da política: como referido numa análise recente, os fluxos comerciais através do Atlântico Norte assemelham-se mais a uma autoestrada de doze faixas do que a uma via de mão dupla para o transporte de mercadorias (Hamilton & Quinlan, 2025). Apesar das inevitáveis e ocasionais disputas transatlânticas (existentes mesmo

A OPINIÃO DE TRUMP, QUE TEM SIDO INFLUENTE EM ALGUMAS DAS SUAS NEGOCIAÇÕES NO PRIMEIRO ANO DO SEU SEGUNDO MANDATO, NÃO É NECESSARIAMENTE PARTILHADA PELA COMUNIDADE DE SEGURANÇA NACIONAL DOS EUA EM GERAL, COM MUITOS SENADORES REPUBLICANOS AINDA MANTENDO UMA VISÃO CÉTICA SOBRE A RÚSSIA E O ENVOLVIMENTO DOS EUA COM MOSCOVO.

durante a Guerra Fria), esta é a relação comercial e económica mais aprofundada no mundo. O valor de mercado do comércio de bens entre os EUA e a UE em 2024 (976 mil milhões de dólares) foi 60% superior ao comércio de bens entre os EUA e a China (583 mil milhões de dólares), bem como 20% superior ao comércio de bens entre a UE e a China (786 mil milhões de dólares)¹. O stock de investimento direto estrangeiro dos EUA na UE é vinte e uma vezes maior do que o dos EUA na China.

O segundo aspecto é a imprevisibilidade, afetando diretamente a definição de «confiança» anteriormente mencionada. Em apenas um ano do segundo mandato de Trump, a imprevisibilidade transatlântica tornou-se a norma. O Presidente reverteu decisões políticas em questão de dias, senão horas, de maneiras que foram difíceis de prever. O exemplo mais flagrante, além da forma como as negociações (ainda em curso) com a Rússia sobre um potencial cessar-fogo na Ucrânia têm decorrido, foi no aspecto comercial, uma bandeira eleitoral do atual Presidente desde 2015. Após ter começado o ano com várias ameaças sobre a imposição de tarifas que designou de «recíprocas» sobre vários países, incluindo a UE, no início do verão um acordo entre a UE e os EUA parecia estar ao alcance. No entanto, o Presidente emitiu repentinamente uma «carta» anunciando impostos de 30%, mais uma vez surpreendendo os negociadores da Comissão Europeia e os líderes europeus (Renshaw et al., 2025).

No primeiro mandato, Trump já havia criticado a NATO como sendo uma aliança ineficaz e chegou a ameaçar retirar-se dela, enquanto fazia aproximações à Rússia (Brat-

tberg, 2025). Para os EUA, a centralidade do projeto europeu perdeu relevância estratégica quando há outras prioridades a considerar. Trump chega mesmo a argumentar que a UE constitui uma ameaça direta aos interesses económicos dos EUA, indo mais longe do que algum presidente anterior, apesar das críticas da Administração Bush à «velha Europa» pela oposição no Iraque

PARA OS EUA, A CENTRALIDADE DO PROJETO EUROPEU PERDEU RELEVÂNCIA ESTRATÉGICA QUANDO HÁ OUTRAS PRIORIDADES A CONSIDERAR. TRUMP CHEGA MESMO A ARGUMENTAR QUE A UE CONSTITUI UMA AMEAÇA DIRETA AOS INTERESSES ECONÓMICOS DOS EUA, INDO MAIS LONGE DO QUE ALGUM PRESIDENTE ANTERIOR.

ou um certo unilateralismo de presidentes como Ronald Reagan. A segunda Administração Trump intensificou as críticas dos EUA ao multilateralismo, retirando-se da Organização Mundial da Saúde e ameaçando cortar o financiamento a vários órgãos da Organização das Nações Unidas. A retórica sobre a necessidade de controlo dos EUA sobre o Canal do Panamá e a Gronelândia, ou a minimização da soberania do Canadá sustém a noção crescente na Europa de uma rutura normativa dos EUA com os valores ocidentais.

O terceiro aspecto é um desprendimento normativo, efetivado no evitar de compromissos permanentes, sejam eles no contexto de alianças ou de organizações multilaterais. Ao invés, prefere acordos negociados idealmente de forma bilateral de acordo com o que é a perceção, em qualquer dado momento, do que são os interesses da liderança norte-

-americana. Esta é uma revolução para os europeus, dado que durante oitenta anos, e apesar das crises já mencionadas, em geral os objetivos da política externa americana (em presidências republicanas e democratas) incluíram um «apoio sistemático à legitimidade, integração e segurança das democracias europeias» (Jones, 2025). Ao invés, atualmente, os EUA não estão apenas a tentar reequilibrar a sua relação com a Europa – uma tendência estabelecida na política externa dos EUA que antecede Trump, mas que foi acelerada pela nova Casa Branca (Spatafora, 2025). Esta Administração também demonstrou elementos de hostilidade ativa contra o projeto europeu, exemplificado por um memo do Departamento de Estado sobre a Europa estar a levar a cabo uma campanha contra a civilização ocidental (U.S. State Department, 2025). Na esfera comercial, este desprendimento tem sido consistente, com os EUA a encararem a UE como um concorrente estratégico e a preferirem negociar bilateralmente com os governos europeus, em vez de com a UE como entidade.

REAÇÕES DOS LÍDERES EUROPEUS AO SEGUNDO MANDATO DE TRUMP

A diversidade de respostas europeias ao segundo mandato de Donald Trump revela clivagens profundas tanto na perceção do próprio fenómeno Trump como na visão do papel que a Europa deve desempenhar no cenário internacional. Para clarificar estas diferenças, podemos organizá-las em dois eixos: a atitude perante a rutura ou continuidade representada por Trump e a orientação estratégica desejável para a Europa, resultando numa tipologia de quatro grupos distintos de líderes e governos europeus. A seguir apresenta-se essa grelha analítica, ilustrada com exemplos atuais, que permite compreender de forma sistemática as principais linhas de reação no continente. Estas duas dimensões podem ser representadas como dois eixos, repre-

A DIVERSIDADE DE RESPOSTAS EUROPEIAS AO SEGUNDO MANDATO DE DONALD TRUMP REVELA CLIVAGENS PROFUNDAS TANTO NA PERCEÇÃO DO PRÓPRIO FENÓMENO TRUMP COMO NA VISÃO DO PAPEL QUE A EUROPA DEVE DESEMPENHAR NO CENÁRIO INTERNACIONAL.

sentados na tabela 1 (p. 104) e com exemplos de líderes europeus da atualidade: o primeiro eixo refere-se à atitude europeia perante a permanência e rutura representada por Trump. O segundo eixo refere-se ao que deve ser a resposta europeia a Trump. Como resultado da interseção destes dois eixos, poderá ser conceptualizada e agrupada em quatro tipos distintos a resposta das diferentes capitais europeias (bem como das instituições de Bruxelas) à política externa dos EUA. O primeiro grupo é constituído pelos «normativos», que veem Trump como uma força desestabilizadora, de forma permanente, e que sublinham a diferença entre os valores e normas da Europa por contraste com os «novos» EUA, seja em Gaza, na Ucrânia ou na defesa do comércio livre e sem protecionismo. Incluem, por exemplo, o primeiro-ministro espanhol, que tem contraposto os valores europeus a Trump, em Gaza, mas também Macron, que tem tido uma relação bastante mais distante com Trump no seu segundo mandato.

Tabela 1 > Tipologias de reações europeias à política externa dos EUA no segundo mandato de Trump.

	Europa deve manter os seus valores	Europa deve ser mais nacionalista/ populista
Trump como rutura permanente	Os normativos: Pedro Sánchez/ Emmanuel Macron (segundo mandato).	Os radicais (maiores apoiantes): Viktor Orban/ <i>Nigel Farage</i> .
Trump mantendo, no essencial, a relação transatlântica	Os pragmatistas: Friedrich Merz/ Donald Tusk/Ursula von der Leyen.	Os interlocutores: Giorgia Meloni/ <i>ex-governo Polaco</i> / <i>Marine Le Pen</i> .

Fonte: Elaborada pelo autor; potenciais futuros líderes em itálico.

Em segundo lugar, «os pragmáticos», que consideram que, apesar das dificuldades ocasionais, não existe substituto para a relação transatlântica. Para muitos europeus, após séculos de lutas entre poderes regionais pela hegemonia europeia, o facto de o poder hegemónico estar do outro lado do Atlântico providenciou estabilidade, harmonia e alívio. Deste modo, seria considerado que os europeus enfrentam um mundo difícil de concorrência em vários níveis e, enquanto se preparam para isso, os EUA continuam a ser a sua melhor, ou única, aposta. Como referiu a alta representante da UE, já durante o segundo mandato de Trump, os EUA continuam a ser o nosso grande aliado (Jacqué, 2025). No início de 2025, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, declarou que a UE manterá os seus princípios «para proteger os nossos interesses e defender os nossos valores» e que a Europa tem «várias opções de cooperação com diversos atores globais» (Comissão Europeia, 2025). Embora tal parecesse indicar que retoricamente a presidente da Comissão se ira assumir no segundo mandato de Trump como uma líder «normativa», em 2025 apelou geralmente ao pragmatismo. Após vários meses de tensões comerciais, assinou em julho um acordo político EUA-UE sobre tarifas/transações num encontro pessoal com Trump.

Em terceiro lugar, os defensores de uma mudança radical no posicionamento normativo e consequentemente geopolítico da Europa, seguindo a retórica de Trump. O efeito combinado das suas estratégias com a de Washington seria por um lado dificultar uma agenda comum de política externa a nível da UE, em consonância com o desdém de Trump pela UE como ator internacional, e o regresso a um diálogo com a Rússia ou a China sobre «esferas de influência». No dia da tomada de posse de Trump, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán gabou-se: «O grande ataque pode começar. Por este meio, lanço a segunda fase da ofensiva que visa ocupar Bruxelas» (Euronews, 2025).

Por fim, os interlocutores de Trump, que embora próximos de algumas das suas posições ideológicas, mantêm o desejo de trabalhar no contexto das atuais instituições do espaço euro-atlântico. O exemplo clássico é a primeira-ministra italiana, que chegou ao poder em 2022 como líder de um partido da direita populista (com raízes em movimentos pós-fascistas) e que se tem revelado uma apoiante consistente da Ucrânia, apesar das oscilações de Trump sobre o tema, bem como procurado trabalhar *através* e não *contra* o sistema da UE, tendo por exemplo apoiado o pacto para as migrações aprovado em 2026.

A QUESTÃO ALEMÃ: ZWEITENWENDE VERSUS «AMÉRICA PRIMEIRO»

Após a invasão da Ucrânia, a relação bilateral chave dos EUA na Europa, com a Alemanha, tendia a reforçar-se, dado que a invasão da Ucrânia pareceu restaurar a centralidade da NATO para a segurança ocidental e a posição dirigente dos EUA, indispensável para garantir a unidade dos aliados europeus (Gaspar, 2025). No entanto, esta invasão surgiu após um longo e progressivo (embora com intervalos) processo de afastamento entre os dois países. Hoje é possível afirmar que Washington e Berlim compreendem-se cada vez menos e que a Alemanha não se considera parte interessada no jogo sino-americano (Kefferpütz & Stern, 2021), prioridade estratégica máxima de Washington e ponto de maior acordo bipartidário sob Trump.

Em relação ao seu momento unipolar, o poder dos EUA está agora sob pressão significativa, e o poder alemão cresceu. Neste contexto, a natureza tensa das relações entre os EUA e a Alemanha tem implicações mais amplas. Durante o primeiro mandato de Trump, mantinha-se na Alemanha a ilusão

de que assim que a era Trump terminasse, os EUA voltariam ao seu papel de principal potência ocidental e principal garante da segurança europeia. A sua reeleição eliminou essa convicção e as consequências foram imediatas. Logo após a sua vitória eleitoral, o novo chanceler alemão Friedrich Merz, desde sempre pró-transatlântico, afirmou que a Europa deve defender-se, uma vez que os EUA «não se importam». Embora os dois anteriores chanceleres tenham

feito declarações semelhantes, a nova maioria já concretizou uma reforma de longa data – que exigia dois terços dos deputados – das regras fiscais da Alemanha. As despesas com a defesa acima dos níveis máximos de endividamento acordados constitucionalmente (1% do produto interno bruto da Alemanha) estão agora efetivamente isentas das regras de limite à dívida do país, podendo agora financiar a *Zeitenwende* anunciada pelo seu antecessor, Olaf Scholz, após a invasão da Ucrânia.

Tal reversão de atitudes na Alemanha, em relação aos EUA, é particularmente premente num país que na sua (re)fundação em 1949 foi fortemente influenciado pela «orientação ocidental» (*Westbindung*) introduzida por Konrad Adenauer, primeiro chanceler do pós-

EM RELAÇÃO AO SEU MOMENTO UNIPOLAR,
O PODER DOS EUA ESTÁ AGORA SOB PRESSÃO
SIGNIFICATIVA, E O PODER ALEMÃO CRESCER.
NESTE CONTEXTO, A NATUREZA TENSA DAS
RELAÇÕES ENTRE OS EUA E A ALEMANHA TEM
IMPLICAÇÕES MAIS AMPLAS.

-guerra; uma orientação fundacional para o seu pós-guerra e que fez da Alemanha Ocidental uma das âncoras dos EUA durante a Guerra Fria. O estilo agressivo de diplomacia do Presidente Trump apenas amplificou as fações alemãs que se viam como resistentes ao alcance do poder dos EUA na Europa (Kefferpütz & Stern, 2021, p. 6). De acordo com uma pesquisa do Pew Research Center, as atitudes favoráveis dos europeus em relação aos EUA caíram 12,9% entre 2024 e 2025 (Wike et al., 2025). Muitos europeus consideram agora os EUA um «parceiro necessário», em vez de um aliado de confiança (Puglierin et al., 2025), e do outro lado reconhece-se crescente ceticismo dos cidadãos norte-americanos em relação às instituições internacionais, às alianças e ao envolvimento permanente dos EUA no exterior (Brogi, 2023).

Após o primeiro mandato e a eleição de Joe Biden, analistas referiram que as análises mais recentes das relações entre os EUA e a Alemanha não consideram a possibilidade de que os dois países simplesmente discordem em muitas questões de segurança internacional (Kefferpütz & Stern, 2021). Hoje parece indiscutível que tal é o caso, com duas causas estruturais que irão permanecer após Trump. Em primeiro lugar, o pivô asiático dos EUA e, em segundo lugar, a contínua pressão externa no leste e sul da Europa. Por fim, deve ser referido que a falta de diálogo e coordenação de posições não é apenas percebida do lado de Washington. Um exemplo foi o acordo alcançado no final de 2020 entre a Comissão Europeia e a China sobre um acordo abrangente de investimento sem qualquer aviso prévio à nova Administração Biden, que tinha oferecido uma frente comum em relação à China e que a própria UE tinha implorado nos meses anteriores com um novo diálogo UE-EUA sobre a China. A Comissão Europeia, dizendo-se «geopolítica», deixou que fossem os interesses económicos alemães a impulsionar o acordo.

CENÁRIOS PARA O FUTURO PRÓXIMO DAS RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS

Por mais que os líderes europeus queiram evitar questões difíceis sobre o seu papel no mundo, o debate sobre qual deve ser o papel da Europa no sistema internacional do século XXI e, nomeadamente, da UE, será quase certamente uma das características marcantes deste século. Por um lado, parece improvável que a Europa possa continuar a evitar todas as questões geopolíticas sob o referido «guarda-chuva»: a caixa de Pandora das tensões transatlânticas, sempre presente em certa medida, foi aberta pelo Presidente Trump e levará algum tempo a fechar, se é que alguma vez o será. Por outro lado, um cenário de divisão estratégica permanente no Ocidente e até mesmo o fim da NATO parecem muito improváveis. Vários cenários podem ser traçados.

O primeiro cenário seria a continuação do atual *statu quo* transatlântico, sem regresso ao «normal» do passado nem agravamento das divisões demonstradas ao longo de 2025. De certa forma, seria a continuidade de um longo processo desde 1990, representado pela relação da Alemanha com os EUA, que evoluiu de uma potencial «parceria para a liderança» (expressão do Presidente Bush sobre a relação privilegiada que desejava entre os EUA e a Alemanha reunificada) para um «casamento sem amor»; uma

relação menos dominante do que a tradicional hegemonia e com cooperação ocasional e pragmática de parte a parte.

A Europa e os EUA continuariam a cooperar em temas em que os seus interesses são convergentes e isso deve ser visto com naturalidade: a totalidade de fluxos económicos, comerciais, intelectuais e culturais entre os EUA e a Europa continua mais forte do que em quaisquer outras duas regiões geopolíticas do mundo. Por outro lado, não pode nem deve ser esperado um regresso a um ilusório «normal transatlântico» em tantos temas em que não existe nem existirá tal convergência de interesses entre ambos os lados do Atlântico. Para garantir uma menor dependência dos EUA pós-Trump, a Europa necessitaria de definir os seus interesses de forma autónoma e elaborar políticas para alcançar os seus próprios objetivos, mesmo que isso signifique opor-se a políticas imprudentes dos EUA. O Presidente Macron não acertou na «morte cerebral» da NATO, mas terá acertado neste ponto, ajudado pela tradição da *longue durée* da historiografia e da política francesa. Autonomia estratégica não será mais uma utopia, mas uma necessidade exigida em Washington e o inevitável futuro de uma Europa que não se resigne a ser um objeto em vez de um sujeito no sistema internacional.

Neste cenário, a Europa deverá fazer parcerias com regiões e poderes globais que diminuam a sua dependência dos EUA, da China e da Rússia, poderes interessados, em diferentes graus, num regresso a uma divisão de esferas de influência típica da ordem internacional anterior a 1945. Conseguirá

garantir a continuidade de uma ordem internacional multilateral em tempos liderada pelos EUA, em condições de previsibilidade, comércio livre, respeito pelo direito internacional e multilateralismo? A resposta a esta questão será crucial para perceber se a «autonomia estratégica» promovida em Bruxelas, em Paris e mesmo em Berlim pode ser uma realidade ou se a Europa poderá apenas fazer uma conten-

A RESPOSTA A ESTA QUESTÃO SERÁ CRUCIAL PARA PERCEBER SE A «AUTONOMIA ESTRATÉGICA» PROMOVIDA EM BRUXELAS, EM PARIS E MESMO EM BERLIM PODE SER REALIDADE OU SE A EUROPA PODERÁ APENAS FAZER UMA CONTENÇÃO DE DANOS E ESPERAR INGLORIAMENTE POR UM REGRESSO AO NORMAL TRANSATLÂNTICO QUE PARECE MUITO DIFÍCIL DE ACONTECER, MESMO APÓS TRUMP.

ção de danos e esperar ingloriamente por um regresso ao normal transatlântico que parece muito difícil de acontecer, mesmo após Trump. A mudança que se tem produzido na visão estratégica, económica e política de Washington não parece conjuntural.

Este processo já começou, timidamente. A UE demonstrou o enorme potencial do seu poder normativo global ao retardar a ratificação do Acordo de Comércio Livre com o Mercosul (Bradford, 2019) para exercer pressão sobre o Governo brasileiro pela falta de cuidado com as normas ambientais. Este acordo parece ter voltado à ordem do dia, com a persistente oposição francesa cada vez mais isolada, sendo uma prioridade declarada do segundo mandato de von der Leyen como presidente da Comissão. Nessa região como noutras (incluindo o Sudeste Asiático e os Balcãs Ocidentais), a Europa tem a

oportunidade de se apresentar como um parceiro de confiança para aqueles que foram mais afetados pela nova política dos EUA, sem ter de ser um adversário de Washington.

O pior cenário para a relação transatlântica seria um alastramento dos atuais conflitos normativos e políticos em ambos os lados do Atlântico: um divórcio transatlântico «desordenado». Nesse cenário, as fraturas intraeuropeias poderiam continuar a aprofundar-se ao longo da rivalidade entre «globalistas» e nacionalistas, com governos populistas consolidando mudanças sistémicas, como na Hungria (Hopkins, 2020; Sadecki, 2014). A polarização política e comercial entre a Europa e os EUA provavelmente persistiria para além da Presidência de Trump, que encapsulou a divisão crescente numa aliança outrora construída em torno de valores partilhados. Princípios normativos como os direitos humanos e o Estado de direito poderiam perder primazia num Ocidente cada vez mais dominado por agendas nacionalistas, anti-imigração e antiglobalização: de facto, a vitória de Trump em 2024 já revigorou os partidos eurocéticos e de extrema-direita em toda a Europa, de leste a oeste (Dionne, 2025).

Dentro da Europa, a unidade em relação à Ucrânia pode revelar-se temporária ou limitada a essa questão, com antigas linhas de divisão que persistem: Norte contra Sul em relação ao euro e Leste contra Oeste na questão da imigração e refugiados. As próximas eleições, nomeadamente em França em 2027, acrescentam mais incerteza. Entretanto, a crescente predominância económica e tecnológica da China, apoiada por uma ambição militar em expansão, estabelecerá um polo central no sistema internacional que desafia explicitamente as regras ocidentais. A Europa enfrenta uma tarefa difícil: gerir as suas complexas relações com Pequim e Washington de forma a proteger a ordem global baseada em normas e previsibilidade. As consequências deste cenário seriam nefastas e o vazio norte-americano na Europa difícil ou impossível de preencher a curto prazo. Embora os países europeus estejam, em diferentes graus, a tentar proteger-se contra uma potencial saída dos EUA da Europa, uma lacuna será inevitável, tendo em conta igualmente os resultados ainda incertos das abordagens diplomáticas de Putin à Casa Branca. Igualmente poderiam surgir tensões transatlânticas na reconstrução pós-guerra da Ucrânia, uma vez que os EUA e a Europa podem acabar por competir pelos recursos. Embora novos acordos energéticos com Washington possam substituir os combustíveis fósseis russos, eles podem elevar os preços da energia na Europa e aumentar a sua dependência energética (Spatafora, 2025, p. 11).

O cenário mais otimista para o futuro próximo poderá ser a emergência de uma relação transatlântica mais equilibrada com uma Europa menos dependente, que permitiria a continuação de um certo grau de divisão (inevitável) entre os dois lados do Atlântico, mas moderada pela necessidade de enfrentar ameaças globais, sejam elas a China, o terrorismo ou a Rússia, sem mencionar as alterações climáticas. Nessa arena, o papel de liderança dos EUA no bloco ocidental é simplesmente insubstituível. É claro, em qualquer caso, que o pivô para a Ásia irá continuar sob qualquer presidente em Washington e é para lá que irá a maioria das novas tropas e investimentos, o que torna os

debates sobre a «autonomia» europeia relevantes, mas inscritos no contexto da continuidade da NATO. Em suma, este cenário implica o reconhecimento de que embora não exista uma maneira clara de retornar ao «normal» transatlântico da Guerra Fria, os EUA permanecem indispensáveis e a cooperação pode permanecer mesmo em áreas de interesses divergentes: não como um aliado de pleno direito e mais como um «parceiro necessário» (Krastev & Leonard, 2025).

Tal cenário implicaria um papel global mais importante para a UE, tal como é o objetivo da chamada «comissão geopolítica» de von der Leyen (Blockmans, 2020). Há uma crescente consciência de que mesmo os maiores dos 27 Estados-Membros são muito pequenos num mundo de competição entre grandes potências; e a consciência de que a «autonomia estratégica» em relação a Washington não deve ser vista como uma oposição aos EUA, mas sim como a concretização da «partilha de encargos» que as sucessivas administrações americanas têm vindo a exigir à Europa. No que diz respeito à abordagem da UE em relação à China, há sinais de mudanças recentes, com uma crescente consciência da necessidade de uma abordagem unificada e estratégica, como no acesso ao mercado

FACTUALMENTE, INDEPENDENTEMENTE
DA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA, A UE SABE
QUE NÃO PODE MANTER-SE EQUIDISTANTE
ENTRE A DEMOCRÁTICA WASHINGTON
E A AUTORITÁRIA PEQUIM,
POIS OS SEUS VALORES ESTÃO
INEVITAVELMENTE MAIS PRÓXIMOS DOS EUA.

5G/Huawei (Arcesati, 2020), mas ainda com uma relutância em criticar as violações dos direitos humanos devido à enorme importância do comércio e do investimento da China por razões económicas (Eder, 2020). Factualmente, independentemente da política externa dos EUA, a UE sabe que não pode manter-se equidistante entre a democrática Washington e a autoritária Pequim, pois os seus valores estão inevitavelmente mais próximos dos EUA; «simplesmente precisa de ser suficientemente autónoma para se opor a políticas americanas mal concebidas» (Besch et al., 2020).

CONCLUSÃO

Os receios do fim da aliança transatlântica, tal como o proverbial fim de Mark Twain, podem muito bem ser prematuros. Culturalmente e em questões normativas (principalmente os direitos humanos e a importância da democracia liberal), a proximidade entre os dois lados do Atlântico só é igualada pela falta de atração que modelos alternativos, como o chinês ou o russo, têm nos países europeus. O mais pessimista dos cenários apresentados na secção anterior parece, por enquanto, ter sido evitado. Apesar da crescente divisão normativa entre os EUA e a Europa e da imprevisibilidade da segunda Administração de Donald Trump, a maioria das ameaças que o Ocidente enfrenta deve ser combatida em conjunto. Essa compreensão já levou a casos concretos de cooperação transatlântica no passado, seja em questões relacionadas com o 5G, o Acordo de Paris ou a covid, mas também mais recentemente em esforços de contenção

da ameaça chinesa ou, de certa forma, do conflito em Gaza. Em outros temas, como a Ucrânia, ou tarifas, tal cooperação tem sido mais complicada em 2025, mas uma rutura total pôde ser evitada, até ao momento.

Para superar essas fraturas e evitar que os pessimistas de hoje (como os da década de 1990) sejam também os mais perspicazes em relação à evolução futura do Ocidente, eu diria que ambos os lados do Atlântico precisam de mudar as suas políticas para a próxima década. Se do lado de Trump é difícil discernir uma estratégia alternativa ao «America first», mesmo que a sua aplicação concreta seja inconsistente, do lado da UE será necessária vontade política e meios para realmente projetar poder no mundo. Após as crises se multiplicarem na sua vizinhança e no seio dos seus Estados-Membros, finalmente se impôs – tardiamente – a compreensão de que, se não estiverem unidos, mesmo os maiores dos 27 Estados-Membros são muito pequenos num mundo de competição entre grandes potências.

Nas capitais europeias, a reeleição de Trump finalmente solidificou uma perceção agora generalizada (embora diferindo nos meios usados, dependendo do país em questão) de que a «autonomia estratégica» em relação a Washington não deve ser vista como uma oposição aos EUA, mas como uma forma de colocar em prática a «partilha de encargos» que as sucessivas administrações americanas têm exigido da Europa. A UE precisa de definir os seus interesses de forma autónoma e elaborar políticas para alcançar os seus próprios objetivos, mesmo que isso signifique opor-se a políticas imprudentes dos EUA.

Uma potencial escolha para a UE evitar a sua divisão e marginalização é reforçar a sua integração abraçando as agendas de Letta e Draghi (DG GROW, 2024; Draghi, 2024), que alertaram contra a fragmentação europeia. Por outro lado, é possível que a profundidade já evocada dos laços transatlânticos possa fazer a Administração norte-americana atuar naquele que é o seu interesse de longo prazo e manter o essencial da atual relação transatlântica. A Europa enfraquecida como concorrente estratégico não seria do interesse económico ou de segurança a longo prazo da Europa, nem dos EUA, uma vez que os europeus continuam a ser os seus aliados democráticos mais fiáveis e firmes num mundo multipolar e fragmentado – a «cabeça de ponte democrática» dos EUA no grande jogo da Eurásia, como Brzezinski afirmava. 

Data de receção: 10 de janeiro de 2026 | Data de aprovação: 20 de março de 2026

Alberto Cunha Investigador do Instituto da Defesa Nacional, do IPRI-NOVA e do Observare da Universidade Autónoma de Lisboa. Doutorada pelo King's College London, é professor auxiliar convidado no ISCSP – Universidade de Lisboa. A sua investigação foca-se na hegemonia regional e

política de defesa da UE. Comentarista residente de assuntos internacionais na CNN Portugal.

> ISCSP, Campus Universitário do Alto da Ajuda, Rua Almerindo Lessa, 1300-663, Lisboa, Portugal.
| ajcarvalho@iscsp.ulisboa.pt | <https://orcid.org/0000-0002-8475-3370>

NOTA

¹ Com o facto de os EUA, deficitários, serem uma preocupação central de Trump, com défice comercial bilateral entre os EUA e a UE – cerca de 131 mil milhões de dólares em 2022 e 208 mil milhões de dólares em 2023 (Jones & Matthijs, 2025).

BIBLIOGRAFIA

- Aggestam, L., & Johansson, M. (2017). *The leadership paradox in EU foreign policy*. JCMS: Journal of Common Market Studies, 55(6), 1203-1220. <https://doi.org/10.1111/jcms.12558>
- Algieri, F., Bauer, S., & Brummer, K. (2006). *Europäische Sicherheits- und Verteidigungspolitik: Herausforderungen und Perspektiven*. Stiftung Wissenschaft und Politik.
- Arcesati, R. (2020, setembro). Competing with China in the digital age. *Towards principled competition in Europe's China policy: Drawing lessons from the Covid-19 crisis* (MERICS Paper). <https://www.merics.org/en/report/towards-principled-competition-europes-china-policy/3-competing-china-digital-age>
- Barnett, M. (2021). International progress, international order, and the liberal international order. *Chinese Journal of International Politics*, 14(1), 1-22. <https://doi.org/10.1093/cjip/poaa019>
- Bergmann, M. (2020, agosto 20). Europe's geopolitical awakening: The pandemic rouses a sleeping giant. *Foreign Affairs*. <https://www.foreignaffairs.com/articles/europe/2020-08-20/europes-geopolitical-awakening>
- Besch, S., Bond, I., & Schuette, L. (2020, setembro). *Europe, the US and China: A love-hate triangle?* Center for European Reform.
- Billar, D., & Leicester, J. (2020). *Europe faces strategic challenges in the new decade*. Associated Press.
- Blockmans, S. (2020, setembro 15). *Why the EU needs a geopolitical Commission*. Centre for European Policy Studies. <https://www.ceps.eu/why-the-eu-needs-a-geopolitical-commission/>
- Boyer, M. A. (1996). Trading public goods in the western alliance system: United States security commitment and European peace dividend. *Journal of Peace Research*, 33(3), 225-244.
- Bradford, A. (2019). *The Brussels effect: How the European Union rules the world*. Oxford University Press.
- Brattberg, E. (2025). *The impact of evolving threat perceptions on the transatlantic alliance* (RUSI Insights Paper). <https://www.rusi.org/explore-our-research/publications/insights-papers/impact-evolving-threat-perceptions-transatlantic-alliance>
- Brogi, A. (2023). Transatlantic relations after Trump: Mutual perceptions and strategy in historical perspective. In R. Jervis, S. Goddard, D. N. Labrosse, & J. Rovner (Eds.), *Chaos reconsidered: The liberal order and the future of international politics* (pp. 424-446). Columbia University Press. <https://doi.org/10.7312/ali-20448-039>
- Brummer, K. (Ed.). (2006). *The Big 3 and ESDP: France, Germany and the United Kingdom* (European Foreign and Security Policy, N.º 5). Bertelsmann Foundation.
- Carothers, T. (2019). *Democracy support in the Trump era*. Carnegie Endowment for International Peace.
- Chazan, G. (2018). Merkel warns on EU unity as crisis deepens. *Financial Times*.
- Colgan, J. D. (2021). *Partial hegemony: Oil politics and international order*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780197546376.001.0001>
- Comissão Europeia. (2025, janeiro 21). *Special address by President von der Leyen at the World Economic Forum*. https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_25_285
- Conselho Europeu. (2017). *European Council conclusions on security and defence*.
- Cunha, A. (2020, julho 5). Post-Brexit EU defence policy: Is Germany leading towards a European army? *E-International Relations*. <https://www.e-ir.info/2020/07/05/post-brexit-eu-defence-policy-is-germany-leading-towards-a-european-army/>
- Dimock, M., & Wike, R. (2020, novembro 13). *America is exceptional in the nature of its political divide*. Pew Research Center.
- Dionne Jr., E. J. (2025). *Trump invites electoral backlash abroad, but Europe's far right adapts and endures*. Brookings Institution. <https://www.brookings.edu/articles/trump-invites-electoral-backlash-abroad-but-europes-far-right-adapts-and-endures/>
- DG GROW. (2024, abril 10). *Enrico Letta's report on the future of the Single Market*. https://single-market-economy.ec.europa.eu/news/enrico-lettas-report-future-single-market-2024-04-10_en
- Draghi, M. (2024, setembro 9). *The future of European competitiveness: A competitiveness strategy for Europe (Draghi Report)*. Comissão Europeia. https://commission.europa.eu/topics/competitiveness/draghi-report_en
- Eder, F. (2020). *EU must sanction Chinese leaders involved in Uighur oppression, say legislators*. Politico Europe. <https://www.politico.eu/article/eu-china-uighur-hong-kong-oppression/>
- Euronews. (2025, janeiro 20). *Orbán declares offensive to occupy Brussels as Trump presidency begins*. <https://www.euronews.com/my-europe/2025/01/20/orban-declares-offensive-to-occupy-brussels-as-trump-presidency-begins>
- Forsyth, J. (2020, dezembro 23). Is there a Brexit deal? *The Spectator*. <https://spectator.com/article/is-there-a-brexit-deal/>
- Foy, H., Russell, A., & Stott, M. (2024). «Brave new world»: Donald Trump's victory signals end of US-led postwar order. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/6cfec250-0e0e-4cd8-ba97-60e07f5fae1d>
- Fukuyama, F. (1992). *The end of history and the last man*. Free Press.
- Gaspar, C. (2025). Os Estados Unidos e a guerra russo-ucraniana, ou a ilusão do poder. *Relações Internacionais*, (85). https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/R185/R1_85_NET_Carlos_Gaspar.pdf
- Grevi, G. (2025). *How Europe views Trump: Three camps on a fluid map*. ISPI. <https://www.ispionline.it/en/publication/how-europe-views-trump-three-camps-on-a-fluid-map-199184>
- Hamilton, D. S., & Quinlan, J. P. (2025). *US-EU relations: Transatlantic perspectives 2025* (AmCham EU Report). <https://transatlan->

- ticrelations.org/publications/https-transatlantic-amchameu-eu/
- Herszenhorn, D. M. (2018). *Trump heads to Europe, lashes out at NATO allies and U.K. leadership*. Politico. <https://www.politico.com/story/2018/07/10/trump-europe-nato-britain-putin-706138>
- Hopkins, V. (2020, maio 20). How Orbán's decade in power changed Hungary. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/414f202e-9996-11ea-8b5b-63f7c5c86bef>
- Huntington, S. P. (1993). The clash of civilizations? *Foreign Affairs*, 72(3), 22-49.
- Huntington, S. P. (1996). *The clash of civilizations and the remaking of world order*. Simon & Schuster.
- Ikenberry, G. J. (2018). *After victory: Institutions, strategic restraint, and the rebuilding of order after major wars*. Princeton University Press.
- Jacqué, P. (2025, janeiro 9). Kaja Kallas, EU High Representative: «The US is still our great ally». *Le Monde*. https://www.lemonde.fr/en/international/article/2025/01/09/kaja-kallas-eu-high-representative-the-us-is-still-our-great-ally_6736878_4.html
- Jones, E. (2025). Transatlantic rupture: Legitimacy, integration and security. *Survival*, 67(2). <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00396338.2025.2481771>
- Jones, E., & Matthijs, M. (2025, janeiro 13). The biggest threat to Europe: It's not Trump - it's the EU's weak defense policy and stagnant single market. *Foreign Affairs*. <https://www.foreignaffairs.com/europe/biggest-threat-europe>
- Kanat, K. B. (2018). *The US and Europe in the Trump era*. Insight Turkey.
- Kefferpütz, R., & Stern, J. (2021). *The United States, Germany, and world order: New priorities for a changing alliance (Issue Brief)*. Atlantic Council. <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/issue-brief/the-united-states-germany-and-world-order-new-priorities-for-a-changing-alliance/>
- Kilander, G. (2025). JD Vance says US could drop support for NATO if Europe tries to regulate Elon Musk's platforms. *The Independent*. <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/jd-vance-elon-musk-x-twitter-donald-trump-b2614525.html>
- Kirschbaum, E., & King, L. (2020). Europe reacts to growing global pressures. *Los Angeles Times*.
- Kramp-Karrenbauer, A. (2020, novembro 17). Europe must become more capable of acting [Discurso].
- Krastev, I., & Leonard, M. (2025, junho). *Trump's European revolution*. ECFR. <https://ecfr.eu/publication/trumps-european-revolution/>
- Kunz, B. (2018). *Germany's ambiguous leadership in European security*. Institut Français des Relations Internationales (IFRI).
- Lake, D., Martin, L., & Risse, T. (2019). Challenges to the liberal order. *International Security*, 43(4), 7-50. https://doi.org/10.1162/isec_a_00342
- Lempinen, E. (2020). The crisis of liberal democracy. *Berkeley News*.
- Major, C., & Mölling, C. (2018). *The future of European defence*. German Institute for International and Security Affairs (SWP).
- Matthijs, M., & Goodman, M. P. (2025). Managing divergence: The transatlantic economic future. *Survival*, 67(2), 55-68. <https://doi.org/10.1080/00396338.2025.2481770>
- Mead, W. R. (2018). The return of geopolitics: The revenge of the revisionist powers. *Foreign Affairs*, 93(3), 69-79.
- Mearsheimer, J. J. (2019). Bound to fail: The rise and fall of the liberal international order. *International Security*, 43(4), 7-50. https://doi.org/10.1162/isec_a_00342
- Merkel, A. (2018). *Speech by Federal Chancellor Angela Merkel to the European Parliament, Strasbourg, 13 November 2018*. German Federal Government. <https://www.bundesregierung.de/breg-en/service/archive/speech-by-federal-chancellor-angela-merkel-to-the-european-parliament-strasbourg-13-november-2018-1550688>
- Nielsen, K. L., & Dimitrova, A. (2021). Trump, trust and the transatlantic relationship. *Policy Studies*, 42, 699-719.
- Puglierin, J., Varvelli, A., & Zerka, P. (2025, fevereiro). *Transatlantic twilight: European public opinion and the long shadow of Trump*. ECFR. <https://ecfr.eu/publication/transatlantic-twilight-european-public-opinion-and-the-long-shadow-of-trump/>
- Renshaw, J., Acharya, B., & Garrison, C. (2025, julho 12). *Trump announces 30% tariffs on EU*. Reuters. <https://www.reuters.com/business/trump-announces-30-tariffs-eu-2025-07-12/>
- Riddervold, M., & Newsome, A. (2018). Transatlantic relations in an era of uncertainty. *Journal of European Integration*, 40(5), 505-521.
- Sadecki, A. (2014, abril). *In a state of necessity: How has Orbán changed Hungary? (Point of View N.º 41)*. OSW Centre for Eastern Studies. https://www.osw.waw.pl/sites/default/files/pw_41_in-a-state-of-necessity_net.pdf
- Schuette, L. A. (2021). Why NATO survived Trump: The neglected role of Secretary-General Stoltenberg. *International Affairs*, 97(6), 1863-1881.
- Sloan, S. (2017). *Defense of the West: Transatlantic security from Truman to Trump*. Manchester University Press.
- Spatafora, G. (2025, outubro 15). *Facing the facts: A sea change in transatlantic relations. Low trust: Navigating transatlantic relations under Trump 2.0 (Chailot Papers)*. European Union Institute for Security Studies. <https://www.iss.europa.eu/publications/chailot-papers/low-trust>
- Sprenger, S. (2019). *Europe's defense debate heats up amid great-power tensions*. Defense News.
- The Economist. (2019, novembro 7). *Emmanuel Macron in his own words*. <https://www.economist.com/europe/2019/11/07/emmanuel-macron-in-his-own-words-english>
- U.S. Department of State. (2025, maio 27). *The need for civilizational allies in Europe*. <https://statedept.substack.com/p/the-need-for-civilizational-allies-in-europe>
- UK House of Commons Library. (2025). *Sanctions against Russia* (Research Briefing). UK Parliament. <https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-10342/>
- Wike, R., Poushter, J., Silver, L., & Fetterolf, J. (2025, junho 11). *U.S. image declines in many nations amid low confidence in Trump*. Pew Research Center. <https://www.pewresearch.org/global/2025/06/11/us-image-declines-in-many-nations-amid-low-confidence-in-trump/>